

PROPOSTA DE CESSAR-FOGO

Denise Rothenburg
Da equipe do **Correio**

Em baixa nas pesquisas para presidente da República, o ex-ministro da Fazenda, **Ciro Gomes** (PPS), chegou ontem a Brasília com a senha para tentar ganhar fôlego no jogo eleitoral: uma trégua entre todos os candidatos a presidente e uma reunião conjunta para discutir saídas para a crise econômica.

“Se a crise se aprofunda, temos que ter uma atitude cooperativa em relação ao governo. A crise é grave hoje. Exige uma ampla convergência. Estou disposto a colaborar e já, antes da eleição, para medidas emergentes de correção das contas públicas”, disse **Ciro**.

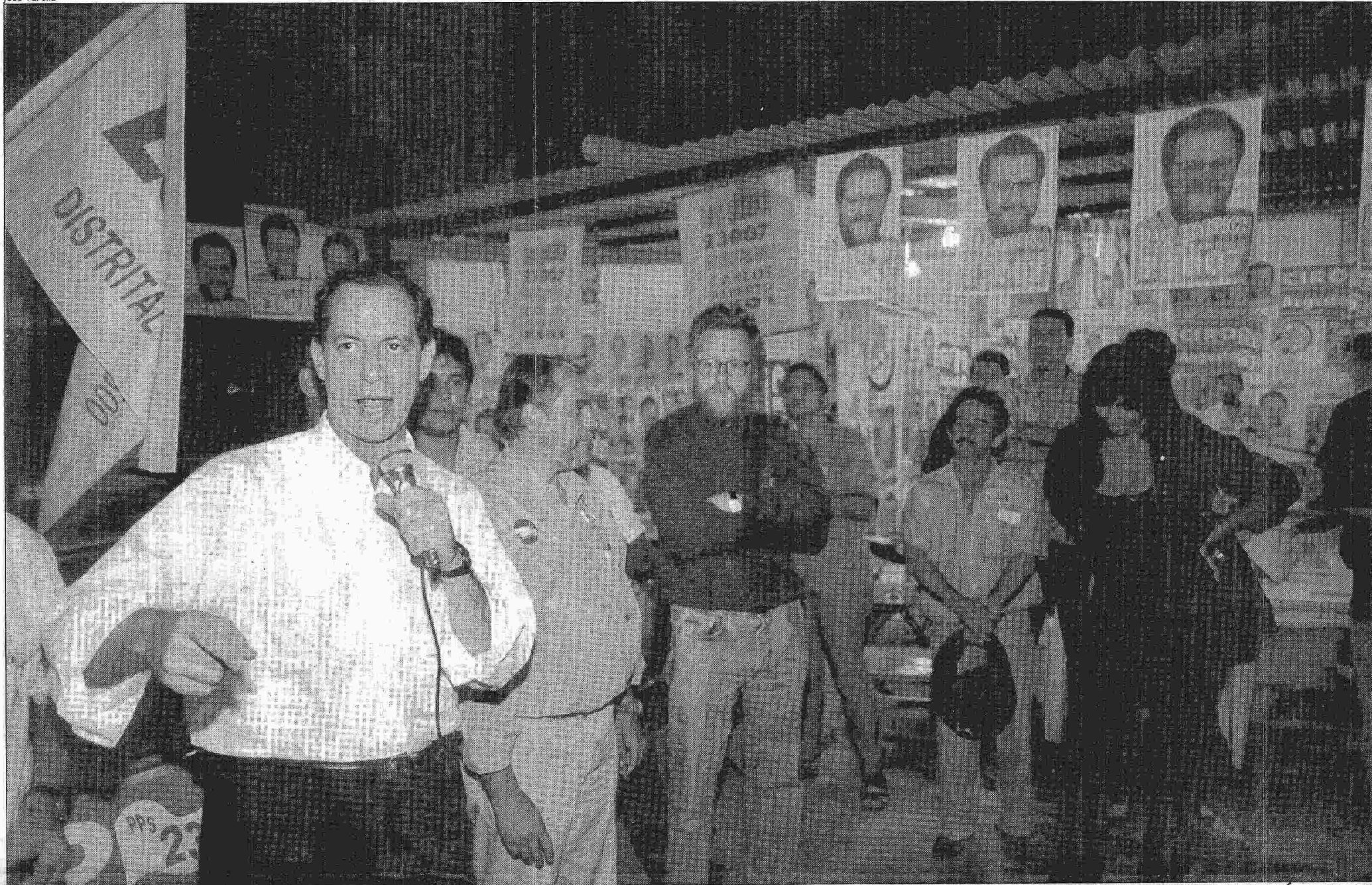
A proposta foi apresentada aos jornalistas, no intervalo entre um debate com alunos da Universidade de Brasília (UnB) e carreata em Formosa (GO), os primeiros compromissos de **Ciro** durante a visita a Brasília. Na conversa, **Ciro** apostou ainda que pelo menos metade da equipe econômica está com os dias contados: “A equipe está dividida em relação às saídas para crise. Acho que o Malan termina saindo porque ele disse que estava tudo bem e não está. Questão de credibilidade. Olha, mas essa história do Malan é especulação”, ressalva.

Para esse diálogo entre todos os candidatos, no entanto, ele impõe pré-condições: “Para que isso aconteça é preciso que o governo abandone a sua arrogância, mude a rota do descaramento e ocultação da verdade”, disse **Ciro**, que não perde uma só oportunidade de atacar o presidente **Fernando Henrique Cardoso** e a **Luiz Inácio Lula da Silva** (PT).

Fernando Henrique é apontado por **Ciro** como o principal responsável pelo clima de incerteza em relação à economia nacional, especialmente junto a investidores estrangeiros. Seja num anfiteatro lotado de estudantes, como ontem na UnB ou para uma plateia de gente simples em Formosa, sobram adjetivos do tipo “cara de pau”, “mentiroso” e “desonesto” nas referências ao presidente-candidato **Fernando Henrique**.

“O presidente diz que vai acabar com o desemprego, criar 7 milhões de empregos. É mentiroso. É desonesto. Ele sabe que não dá para criar esses empregos com essa crise”, disse **Ciro** à plateia de jovens da UnB

José Varella



Em Brasília, o candidato **Ciro Gomes**, do PPS, pede paz, mas não perde a chance de atacar os adversários, principalmente **Fernando Henrique**: “Ele diz que vai acabar com o desemprego. É mentiroso”

que lotou o anfiteatro 9 do minhocão para ouvi-lo.

“Ainda tem a cara de pau de dizer que vai acabar com o desemprego. Chega até a ser falta de respeito”, complementa, ao conversar com cerca de 150 pessoas em Formosa, sem deixar de dar uma estocada contra **Lula**: “O outro, não satisfeito, diz que vai gerar 14 milhões de empregos. Não sabe o que diz. Eu sei. Estudei. Conheço os números. Me incomoda o PT comemorando a crise”, diz, marcando diferenças entre as oposições.

Nos dois locais, as pessoas se mostraram ávidas por conhecer as pro-

postas dos candidato. Nas 34 perguntas feitas pelos estudantes da UnB, alguns reclamaram que **Ciro** falou muito do cenário econômico brasileiro, apresentou números, mas dedicou pouco espaço às suas propostas.

Ele responde que pretende criar um imposto de valor agregado, que recaia sobre o consumo e preserve a produção. Diz que, para as universidades, dará autonomia total para gestão dos recursos.

Na questão de empregos, não cita número de vagas que pretende criar. “Não tenho. Não sou mentiroso. Não vou enganar o povo. Quem me co-

nhece sabe. Só digo uma coisa: ‘Vou gastar o que arrecadar’. E não ficar transformando documento público em peça de campanha, como o governo fez com o orçamento da União, onde diz que nós vamos crescer 4%”.

O discurso de **Ciro** empolgou os estudantes que não arredaram o pé do anfiteatro enquanto o candidato não terminou o longo discurso. Foi ovacionado várias vezes, especialmente, ao se referir às crianças e à expectativa de vida dos meninos e meninas de rua.

A monotonia da falação inicial na UnB — uma aula sobre a economia nacional — é quebrada quando toca um

telefone celular. “Diz para a mamãe que eu não posso atender porque estou num debate aqui na UnB. Esses telefones atrapalham a gente, né?”, disse **Ciro**, provocando risos na plateia.

Ao mesmo tempo em que um telefone celular é apontado como um incômodo ao discurso, os grandes jornais e redes de televisão são acusados de cercear o debate político e econômico. “A crise está aí. Por que a *TV Globo* não vai atrás dos números do governo e mostra o quadro real do país, que a dívida cresceu de R\$ 61 bilhões para R\$ 342 bilhões nos últimos quatro anos? Por que não mostra os

números reais da economia brasileira? Por que não marca debate entre os candidatos? É por que **Fernando Henrique** não quer”, diz **Ciro**, num desabafo. Em entrevista para a rádio *Tribuna Livre* de Formosa, de propriedade de **Múcio Athayde**, **Ciro** volta a falar na trégua para cuidar da crise, mas deixa claro que o fosso entre ele e **Fernando Henrique** é fato: “**Fernando Henrique** se transformou num presidente demagogo. O FHC que eu admirei, comparado com o presidente tutelado por **Antônio Carlos Magalhães** (o presidente do Senado, do PFL), é outra pessoa”.